

Inclusão e Educação 2

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini
(Organizadoras)



 **Atena**
Editora

Ano 2019

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini
(Organizadoras)

Inclusão e Educação

2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I37 Inclusão e educação 2 [recurso eletrônico] / Organizadoras Danielle H. A. Machado, Janaína Cazini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Inclusão e Educação; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-030-8

DOI 10.22533/at.ed.308191501

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Educação inclusiva. 4. Língua Brasileira de Sinais. 5. Braille
(Sistema de escrita). I. Machado, Danielle H. A. II. Cazini, Janaína.
III. Série.

CDD 379.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Educação e Inclusão: Desafios e oportunidades em todos as séries educacionais” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seu II volume, com 19 capítulos, apresentam estudos sobre Pessoas Cegas, Sistema Braille, Pessoas Surdas, Sistema de LIBRAS e as novas tecnologias aplicadas na educação para estimular e auxiliar o processo de ensino e aprendizagem desse público.

A Educação Inclusiva é colocada a luz da reflexão social desde 1988 com a Constituição Federal Brasileira onde garante que a educação é um direito de todos e é dever do Estado oferecer Atendimento Educacional Especializado, preferencialmente na Rede regular de ensino. Porém, somente em 2001 com a Resolução n2 e o Parecer n9 que se evidencia como esse processo de inclusão educacional de pessoas com deficiência deve ser feito, fomentando uma comoção em todos as esferas educacionais como o currículo escolar, formação de docentes e didática de ensino.

Colaborando com essa transformação educacional, este volume II é dedicado ao público de cidadãos Brasileiros que possuem deficiência visual (cego) e deficiência auditiva (surdo) trazendo artigos que abordam: experiências do ensino e aprendizagem, no âmbito escolar, desde as séries iniciais até a o ensino universitário que obtiveram sucessos apesar dos desafios encontrados; a mediação pedagógica como força motriz de transformação educacional e a utilização de tecnologias assistivas para auxiliar o aprendizado do discente cego ou surdo.

Por fim, esperamos que este livro possa fortalecer o movimento de inclusão social, colaborando e instigando professores, pedagogos e pesquisadores a pratica da educação inclusiva ao desenvolvimento de instrumentos metodológicos, tecnológicos, educacionais que corroboram com a formação integral do cidadão.

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONCEPÇÃO DOS CEGOS SOBRE O ENSINO DO SISTEMA BRAILLE NO CONTEXTO DAS NOVAS TECNOLOGIAS	
<i>Eliane Maria Dias</i>	
<i>Francileide Batista de Almeida Vieira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3081915011	
CAPÍTULO 2	13
BAIXA VISÃO E A INTERDISCIPLINARIDADE NA “AMPLIAÇÃO” DOS SABERES	
<i>Eurides Bom im de Melo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3081915012	
CAPÍTULO 3	23
DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA PRÁTICAS EDUCACIONAIS INCLUSIVAS DIANTE DE ALUNOS CEGOS NA UNIVERSIDADE	
<i>Lisiê Marlene da Silveira Melo Martins</i>	
<i>Luzia Guacira dos Santos Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3081915013	
CAPÍTULO 4	34
O ENSINO DE BIOLOGIA PARA DEFICIENTES VISUAIS DO INSTITUTO DOS CEGOS DE CAMPINA GRANDE: EXPLICANDO EMBRIOLOGIA HUMANA COM A VOZ, ARGILA E AS MÃOS	
<i>Álisson Emmanuel Franco Alves</i>	
<i>Jessica Maria Florencio de Oliveira</i>	
<i>Mayla Aracelli Araujo Dantas</i>	
<i>Elizabeth de Lourdes Bronzeado Krkoska</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3081915014	
CAPÍTULO 5	46
EMPRESTA SUA VOZ? RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA INCLUSIVA NA UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI-URCA	
<i>Martha Milene Fontenelle Carvalho</i>	
<i>George Pimentel Fernandes</i>	
<i>Maria José Chaves</i>	
<i>Ana Patrícia Silveira</i>	
<i>Luiza Valdevino Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3081915015	
CAPÍTULO 6	54
O OLHAR DO OUTRO SOBRE A DIFERENÇA SURDA: REPRESENTAÇÃO SOBRE OS SURDOS E A SURDEZ	
<i>Francisco Uélison da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3081915016	
CAPÍTULO 7	65
ESCOLA BILÍNGUE PARA SURDOS	
<i>Francyllayans Karla da Silva Fernandes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3081915017	

CAPÍTULO 8 72

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE ESTUDANTES SURDOS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Wilma Pastor de Andrade Sousa

Antonio Carlos Cardoso

Keyla Maria Santana da Silva

Lindilene Maria de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.3081915018

CAPÍTULO 9 80

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM ESTUDO SOBRE A AVALIAÇÃO DE ESTUDANTES SURDOS NA ESCOLA REGULAR

Vanessa Nicolau Freitas dos Santos

Andreza Cristina Santos de Araújo

DOI 10.22533/at.ed.3081915019

CAPÍTULO 10 90

A EDUCAÇÃO DE SURDOS NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO NO MUNICÍPIO DE ABAETETUBA: AVANÇOS E DESAFIOS

Giovana Parente Negrão

Allan Rocha Damasceno

DOI 10.22533/at.ed.30819150110

CAPÍTULO 11 104

O INTÉRPRETE DE LIBRAS NO SISTEMA EDUCACIONAL DE TERESINA – PIAUÍ

Ana Cristina de Assunção Xavier Ferreira

Camélia Sheila Soares Borges Araújo

DOI 10.22533/at.ed.30819150111

CAPÍTULO 12 119

O ENSINO HÍBRIDO COMO ALTERNATIVA PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA DE SURDOS

Rejane do Nascimento da Silva

DOI 10.22533/at.ed.30819150112

CAPÍTULO 13 125

A CONTAÇÃO, OS OUVINTES E O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: INTERFACES DE UM ENSAIO INCLUSIVO

Martha Milene Fontenelle Carvalho

Francileide Batista de Almeida Vieira

DOI 10.22533/at.ed.30819150113

CAPÍTULO 14 134

FERRAMENTAS DE INCLUSÃO PARA O ENSINO DE QUÍMICA: DESENVOLVIMENTO DE DIAGRAMAS DE DISTRIBUIÇÃO ELETRÔNICA PARA ALUNOS CEGOS E SURDOS

Laís Perpetuo Perovano

Amanda Bobbio Pontara

Ana Nery Furlan Mendes

DOI 10.22533/at.ed.30819150114

CAPÍTULO 15 145

A INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NO ENSINO REGULAR: O QUE DIZEM OS PROFESSORES

Ana Claudia Tenor

DOI 10.22533/at.ed.30819150115

CAPÍTULO 16 157

TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL NO PROCESSO DE INCLUSÃO SOCIAL DE PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

Márcia Verônica Costa Miranda

Ruan dos Santos Silva

DOI 10.22533/at.ed.30819150116

CAPÍTULO 17 169

TECNOLOGIA ASSISTIVA E PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: CONSTRUINDO UMA EDUCAÇÃO SUPERIOR INCLUSIVA

Josenilde Oliveira Pereira

Thelma Helena Costa Chahini

DOI 10.22533/at.ed.30819150117

CAPÍTULO 18 180

LÍNGUA DE SINAIS E IMPLANTE COCLEAR: O PONTO DE VISTA DE PESQUISADORES

Ana Cláudia Tenor

DOI 10.22533/at.ed.30819150118

CAPÍTULO 19 188

EDUCAÇÃO SOMÁTICA COMO PERSPECTIVA INCLUSIVA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Fábio Soares da Costa

Janete de Páscoa Rodrigues

Ana Carolina Brandão Verissimo

Andreia Mendes dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.30819150119

SOBRE AS ORGANIZADORAS 203

EDUCAÇÃO SOMÁTICA COMO PERSPECTIVA INCLUSIVA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Fábio Soares da Costa

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Janete de Páscoa Rodrigues

Universidade Federal do Piauí - UFPI

Ana Carolina Brandão Verissimo

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Andreia Mendes dos Santos

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

RESUMO: A educação somática, como conjunto de técnicas corporais e processo relacional que tangencia nossa biologia, consciência e o meio ambiente, pode ser desenvolvida no ambiente escolar com fins pedagógicos e conseguir constituir-se como meio de inclusão das diversidades corporais, comportamentais e de aptidão física na escola? Essa problemática levou-nos a objetivar o desenvolvimento de reflexões sobre algumas experiências/pesquisas de educação somática no Brasil com o intuito de iniciar uma discussão epistemológica para novas propostas curriculares de educação física escolar que envolvam os princípios dessa educação. Esta é uma pesquisa exploratória e bibliográfica que apresenta a educação somática como possibilidade curricular para a educação física na escola e que, sobretudo,

propõe a inclusão como diretriz fundamental para o seu desenvolvimento. Depreendemos dessas reflexões que a adoção de práticas pedagógicas na educação física escolar que levem em conta os conceitos e princípios comuns da educação somática, assim como os pilares de sua execução como atividade educacional pode contribuir para a inclusão das diferenças de forma, comportamento e aptidão física nessas aulas. O foco na ampliação do sentir, do perceber e do agir, com ressignificações do paradigma fundamentado na apresentação de soluções, para outra abordagem que privilegie questionamentos e alternativas, parece-nos importante consideração curricular que pode promover maior inclusão das diferenças nas aulas de educação física escolar. Assim, concluímos que a educação somática promove algo essencial na educação inclusiva: todos os alunos devem ter a oportunidade de aprender segundo a sua capacidade.

PALAVRAS-CHAVE: Currículo. Educação Física. Educação Somática. Inclusão.

INTRODUÇÃO

As aulas de educação física escolar são objeto de intensa discussão em nossos dias. Sua base constituída pelos campos da educação e saúde tem sido plataforma de

inúmeras pesquisas interdisciplinares e das duas áreas. Aqui, continuamos uma discussão já iniciada por alguns pesquisadores e de necessária perspectiva dialética.

A educação física escolar (EFE) é uma disciplina curricular obrigatória no ensino básico brasileiro que objetiva, sobretudo, a democratização, a humanização e a diversificação da prática pedagógica da área, de modo a ampliar essas possibilidades aos estudantes, desde a perspectiva biológica até o desenvolvimento das dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais. A disciplina possui objetivos, conteúdos e critérios de avaliação específicos, sendo desenvolvida, atualmente, com base na construção de habilidades corporais a partir de vivências em atividades culturais, jogos, esportes, lutas, ginásticas e danças. Atualmente, a EFE tem seu currículo orientado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e pelas orientações curriculares que cada estado da federação vem construindo. Suas finalidades convergem para o lazer, a construção de conhecimentos com e a partir do corpo, a expressão de sentimentos, afetos e emoções. (BRASIL, 1998)

Neste contexto, corpo e movimento, a partir da sua centralidade na contemporaneidade, possuem importantes relações com as discussões sobre educação inclusiva. Assim, as práticas pedagógicas da EFE, influenciadas por aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais, assumem protagonismo singular, principalmente quando relacionadas às necessidades de que todos os estudantes participem ativamente dessas aulas. É deste entendimento que acreditamos demasiado importante investigar como educação somática, inserida ao currículo da EFE, com fins pedagógicos, pode constituir-se como meio de inclusão das diversidades corporais, comportamentais e de aptidão física na escola.

Discutir as relações que envolvem a inclusão nas aulas de EFE tornou-se interesse de reflexão a partir de uma visão curiosa, porém não conclusiva, ao observarmos que, na prática, o currículo escolar do ensino básico brasileiro é desenvolvido de maneira excludente, voltado para o desenvolvimento de técnicas esportivas, como ginástica formativa e manifestações expressivas, e que, em menor grau, consideram o corpo como somático¹, *locus* de compreensão, subjetivação e promoção de saúde. Desta forma, também refletíamos sobre, que promoções relacionadas à saúde geral a Educação Somática (ES)², como um conjunto de técnicas, abordagens pedagógicas e discussões, poderia produzir em jovens escolares de educação básica.

Em uma abordagem teórica inicial, através de busca exploratória documental da construção do estado do conhecimento até 2016, identificamos a ausência de estudos e publicações acadêmicas, em repositórios científicos nacionais de referência, que tenham desenvolvido atividades de ES durante as aulas de educação física na escola. Este é um dos alicerces que justificam esta pesquisa.

Podemos compreender a ES, em concordância ao que Miller (2012, p. 13)

1 Corpo somático é o corpo sensível, pensante, subjetivante.

2 Para Débora Pereira Bolsanello (2011, p. 306) Educação Somática é um campo teórico-prático composto de diferentes métodos cujo eixo de atuação é o movimento do corpo como via de transformação de desequilíbrios mecânico, fisiológico, neurológico, cognitivo e/ou afetivo de uma pessoa.

entende, pois para a autora; “a educação somática consiste em técnicas corporais nas quais o praticante tem uma relação ativa e consciente com o próprio corpo no processo de investigação somática e faz um trabalho perceptivo que o direciona para a autorregulação em seus aspectos físico, psíquico e emocional”.

Por outro lado, estas reflexões também se justificam pela intensidade com que os conceitos, significações e emergências entre corpo e inclusão circulam no ambiente escolar, durante as aulas e no cotidiano em que a educação física está inserida, pois considera a necessidade de repensar as mediações pedagógicas da educação física na escola para além dos aspectos biológicos, socioculturais e ambientais. É uma pesquisa que pressupõe mediações que privilegiem o soma, o “Eu, o ser corporal” (HANNA, 1972, p.78). Assim, possui o intuito de identificar com a ES, enquanto conjunto de procedimentos pedagógicos pode tornar-se constituinte inclusivo na escola.

Neste sentido, e a partir da premente necessidade de propor um conjunto de mediações pedagógicas como componente curricular da EFE de maneira a potencializar o processo de inclusão de todos os estudantes nas aulas de EFE, ressignificar, positivamente, as relações desses escolares com o seu próprio corpo, como soma, definimos como problema nuclear desta pesquisa o seguinte questionamento: Que características e princípios da Educação Somática podem contribuir para o processo de inclusão das diversidades corporais, comportamentais e de aptidão física na escola?

A exploração teórico-metodológica para responder a este questionamento se dá pela necessidade de investigar essas novas possibilidades, pois as contribuições, complementos e transformações próprios do campo educacional acontecem nesses entremeios. Por isso é importante investigar esses novos processos interdisciplinares.

A educação não pode mais ser desenvolvida a partir do estilo de pensamento (FLECK, 2010) dualizado, dicotômico e fragmentado da modernidade. O corpo pensa e pensamos com o corpo em simbiose, mutualidade, em uma perspectiva monista e holística. A educação, enquanto processo deve considerar cada vez mais estilos de pensamento não modais que se propõem, como aqui, para a educação e a educação física.

OBJETIVOS

Esta investigação objetiva discutir a constituição de novas possibilidades de educar pelo movimento, incluindo todos os estudantes nessas vivências educacionais, ao inserir novos dispositivos teórico-práticos próprio da ES, apresentando como a Educação Somática contribui nesse processo inclusivo como um conjunto de atividades físicas, mediação pedagógica, vivência corporal de auto percepção do soma e no currículo escolar da educação básica.

O desenho teórico-metodológico foi sendo construído a partir de algumas questões norteadoras que passaram a orientar o planejamento de nossa investigação. Pela

necessidade de explorá-las, assim passamos a nos questionar: Como é desenvolvido o currículo escolar de educação física na educação básica? Como a ES pode ser inserida nas aulas de EFE? As intervenções da ES voltadas para o *self* corporal e que promovam a potencialização de um corpo mais sensível, vibracional, subjetivante e saudável podem constituir-se como meio significativo de inclusão das diversidades corporais, comportamentais e de aptidão física nas aulas de EFE?

Para além desses direcionamentos de pesquisa, acreditamos que as mediações pedagógicas da ES melhoram os níveis de aptidão física relacionados à saúde, a qualidade de vida e contribuem para a inclusão das diferenças na escola.

EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A educação física, em âmbito escolar, é uma disciplina ou conjunto de práticas pedagógicas, de história relativamente recente, pois remonta ao início do século passado, e que, apesar de outras incursões escolares relacionadas à ginástica e à dança, realizadas desde 1851, somente em 1929 foi introduzida como componente curricular em algumas escolas brasileiras. Intimamente ligada às políticas educacionais implementadas no país, a EFE, desde seu início histórico, teve como fundamentos o higienismo e a profilaxia da saúde. Por isso, nosso interesse. (SOUSA, 2015)

Tais características, aparentemente secundárias nas aulas de hoje, sempre ocuparam lugar cativo dentro das defesas da disciplina, ora com maior tenacidade, ora com maior desconfiança. Todavia, por esta razão, a de sempre estar presente nos fundamentos da disciplina dentro da escola. Neste sentido, resolvemos explorar as suas relações no ensino básico, a partir de pesquisas empíricas e reflexões teóricas estimuladas em bibliografia específica do campo de estudo.

Quando relacionamos educação física, escola e processos inclusivos percebemos que a relevância da discussão se encontra nas possibilidades de problematização de um estilo de pensamento teórico-metodológico, instaurado e vigente, tendo como perspectiva a oportunidade de novas possibilidades de se educar. As aulas de EFE correspondem a um fenômeno moderno em construção e a uma dinâmica ressignificação. Portanto, exercitar novas formas de pensar, a partir das contribuições dadas e em desenvolvimento, por correntes epistemológicas do campo da educação física é salutar e necessário, fortalecem nossa pesquisa e contribui para o desenvolvimento da ciência, do campo ou disciplina educação física, no âmbito escolar.

A educação física tem fortes, sólidas e fundamentadas relações com a área de conhecimento da Educação, em que se classifica dentro do Colégio das Humanidades e da grande área Ciências Humanas (CAPES, 2014). Esta assertiva se deve ao fato de que a educação física é um componente pedagógico desde a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, promulgada em 1961, até a mais recente, em

vigor desde 1996, quando passou a ser considerada componente curricular obrigatório em toda a educação básica. (BRASIL, 1996)

Pensamos que a educação física é um elemento essencial para o desenvolvimento humano e social, a partir de uma perspectiva de educação continuada que promove melhorias no conhecimento corporal e nos domínios cognitivo, afetivo e motor de crianças, jovens, adultos e idosos. É um conjunto de atividades complexo, pois demanda aplicação do conhecimento científico do corpo e movimento humano, princípios, valores, atitudes, além de compreensão comportamental e sociocultural daqueles envolvidos no desenvolvimento de suas atividades planejadas e estruturadas. Contudo, nossa atenção está direcionada em uma de suas possibilidades, a educação física escolar, em sua potência como mediação pedagógica de inclusão das diversidades corporais, comportamentais e de aptidão física.

Para Oliveira, Sartori e Laurindo (2014, p. 17, grifos nossos), a educação física escolar:

É o componente curricular obrigatório em todos os níveis da Educação Básica caracterizado pelo ensino de conceitos, princípios, valores, atitudes e conhecimentos sobre, o movimento humano na sua complexidade, nas dimensões biodinâmica, comportamental e sociocultural. Essas dimensões constituem a base para uma nova compreensão sobre a abrangência e interfaces que fundamentam a Educação Física na escola, seja na perspectiva do movimento, **inclusão**, **diversidade**, cidadania, educação, lazer, esporte, saúde e qualidade de vida.

Estas considerações sobre a definição de EFE se coadunam com o perfil das orientações para o desenvolvimento da disciplina a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, desenvolvidos para o primeiro e segundo ciclos do Ensino Fundamental (BRASIL, 1998).

Na escola deste início de século, percebemos que a educação física se desenvolve para a formação dos estudantes, principalmente quanto aos aspectos da aquisição de competências motoras e de um hábito de vida ativo, integrado à contextualização de conhecimentos gerais, sobretudo quanto às questões sociais, políticas, econômicas, tecnológicas e ambientais.

Sendo uma disciplina escolar que se diferencia das demais por sua forma vivencial em meio às práticas corporais, a EFE se organiza para proporcionar uma formação integral dos estudantes a partir de alguns objetivos, que para Oliveira, Sartori e Laurindo (2014, p. 18) são:

Proporcionar a aquisição de conhecimentos específicos relacionados ao movimento corporal; Proporcionar o desenvolvimento de competências e habilidades motoras que proverão o indivíduo de capacidade e autonomia que lhe permita escolher ou organizar a própria atividade física; Estimular hábitos favoráveis à adoção de um estilo de vida ativo e saudável; Promover a formação de uma cultura esportiva e de lazer; Estimular a participação efetiva da comunidade escolar, em especial a família; Discutir questões relacionadas à sustentabilidade ambiental; Relacionar conhecimentos sobre aspectos socioculturais, políticos e econômicos; Promover a harmonia interdisciplinar com outras áreas do conhecimento; Estimular a autonomia e o protagonismo social; Conhecer e aplicar as novas tecnologias à Educação

O caráter psicomotor e sociocultural da educação física a torna necessária no ambiente educacional básico, no entanto, sua consolidação dentro da escola é um contínuo processo que tem se destacado por uma trajetória de discussões, contradições e ressignificações, que possui ancoradouros importantes, a saber, sob pena de não percebermos o real valor que a disciplina possui no desenvolvimento geral de escolares.

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN - Resolução N.º. 4 CNE/CEB, de 13 de julho de 2010), além de definir uma proposta de educação básica, em seu art. 14, referenda as atividades físicas corporais como base de conhecimento, indispensáveis ao exercício da cidadania, respeitando-se o desenvolvimento integral do cidadão em seus aspectos orgânico e sequencial, reforçando a disciplina como componente curricular obrigatório da educação básica.

Neste contexto, percebemos que a EFE, enquanto complexo de atividades corporais, sociais, culturais e cognitivas, proporciona o estímulo ao raciocínio, vivência de conflitos, experiências práticas do cotidiano, concentração e participação, prazer no aprendizado e incorporação de hábitos saudáveis. Por isso, corroboramos com Vilarta e Boccaletto (2008) que pensam a escola como, um importante espaço para desenvolver aspectos educacionais de prevenção e agravamento de doenças de crianças e adolescentes, no crescimento e desenvolvimento para uma vida com qualidade. Um lugar para a construção do conhecimento e da autonomia para uma vida saudável.

Como componente curricular obrigatório da educação básica, a EFE é amparada pela Lei 9394/96 que a concebe como integrada à proposta da escola, sua realidade local e com carga horária flexível, a partir desta integração de singularidades. Como vívidos na função docente em EFE, percebemos que a corporeidade é uma das mais intensas ligações que temos com o mundo. As atividades físicas, expressivas, esportivas e as vivências criativas de prazer e aprendizagem, por meio do corpo, fazem da educação física um conjunto de experiências essenciais para o contexto formativo e pedagógico na escola.

Uma das discussões epistemológicas mais acaloradas na EFE dá-se por seu currículo. E aqui não temos o objetivo de desenvolvê-la, mas apenas de recortá-la e realizar uma imersão no que se refere às questões de saúde e qualidade de vida, pois o exercício exploratório das diferentes abordagens e tendências pedagógicas da EFE requer esta delimitação. O currículo escolar da educação física é abrangente, pois o desenvolvimento de diversas competências nos escolares, assim o exige. Envolve o esporte, os jogos e brincadeiras, a ginástica, a dança, as lutas e a saúde (OLIVEIRA; SARTORI; LAURINDO, 2014; BRASIL, 1998).

Quanto às relações que uma educação inclusiva tem com as aulas de educação física na escola, percebemos que este componente ocupa lugar em todas as

tendências e abordagens pedagógicas, com especificidades em cada uma delas, como se observa nos estudos de Heraldo Simões Ferreira (2011) e como defendem Oliveira, Sartori e Laurindo (2014) ao indicar que a EFE facilita o entendimento dos atributos e significados corporais, promove a reflexão sobre os movimentos corporais, seus limites e possibilidades, assim como, desenvolvem experiências positivas que geram habilidades, atitudes e hábitos voltados para um estilo de vida ativo, reduz as condições para o desenvolvimento de doenças e discutem temas relacionados a uma alimentação saudável, ao uso de álcool e drogas, violência, higiene e sexualidade.

INCLUSÃO, DIVERSIDADE E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A escola, enquanto *locus* de cuidado de todos, devemos perceber o desenvolvimento de uma EFE através da construção de conhecimentos e saberes interdisciplinar. É a construção de uma cultura escolar que considera a inclusão como constituinte importante do seu desenvolvimento, alicerçada pelas aulas de educação física, que vemos como potência de discussão neste cenário de pesquisa.

Uma exploração teórica sobre as tendências e abordagens pedagógicas da EFE nos fez entender que, em maior ou menor grau, todas as vertentes epistemológicas têm na inclusão, seja como meio, seja como fim, um escopo de prática. Assim, o desenvolvimento de atividades motoras que envolvam todos os estudantes, em conjunto, são características transdisciplinares encontradas em todas as abordagens. Todavia, isso não nos convence ser suficiente.

Neste contexto, observamos que atividades físicas dentro e fora da escola são necessárias. O monopólio da esportivização nas aulas deve ser repensado, pois as atividades esportivas estão se tornando um fim em si mesmo, além disto, os menos aptos estão abandonando as aulas na escola. O prazer durante as aulas é essencial, e pode estar sempre em meio ao desenvolvimento de qualidades físicas como a flexibilidade, a força, a resistência e a coordenação. Nas aulas de EFE, temas relacionados à necessidade de incluir diferenças devem ser abordados a partir diferentes aspectos: biomédico, social, sensível e crítico, pois um individual crítico, emancipado, com consciência corporal e saúde é o caminho para uma EFE que privilegie o sujeito integral.

O conhecimento sobre o corpo e o movimento, a diversidade de vivências e experiências proporcionadas pelas aulas de educação física, suas sociabilidades, afetos constituídos no desenvolvimento das dinâmicas pedagógicas, são aspectos que nos remetem a uma contribuição significativa com a prevenção e a promoção da saúde e, conseqüentemente, com a melhoria da qualidade de vida dos escolares.

Muitos questionamentos ainda devem ser amadurecidos, como a questão das relações entre saúde e estética como disciplina de corpo, as desigualdades socioeconômicas, a nutrição, o lazer, a educação como componentes do estado de

saúde e, sobretudo a necessidade de inclusão das diferenças em todas as atividades da disciplina. A imersão na cultura corporal do movimento e a atenção às dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais, relacionadas à saúde já se apresentam como um caminho fortuito para a melhoria na qualidade de vida dos estudantes, no entanto, isso não pode estar dissociado da capacidade que o aluno pode desenvolver, além de interferir em sua própria realidade social.

Neste contexto, o espaço/tempo em que se desenvolve a EFE possui suas limitações, assim como, as demais disciplinas. Não obstante, a abordagem de temas correlatos e um planejamento, que consiga inserir nas aulas, práticas e conteúdos referentes à promoção e aquisição de saúde são prementes. Por isso, entendemos que o desenvolvimento de atividades escolares que privilegiem as orientações dos PCN e suas orientações voltadas para a inclusão, são alternativas satisfatórias, para a promoção da saúde e da qualidade de vida de todos os alunos, sob a égide da educação física como determinante social importante desse processo, entretanto isso não é o suficiente.

A EFE é em si, uma poderosa rede de sentidos e significados. É um ambiente frutífero por suas possibilidades e complexidade, por sua potente capacidade de gerar a produção de novos saberes, inclusive sobre como incluir. Daí sua potência: a de ampliar o conhecimento dos alunos sobre a necessidade de incluir as diferenças de forma corporal e aptidão física, promovendo reflexões sobre valores éticos e morais, sobre seu corpo e suas sensações, limites e possibilidades, assim, em perspectiva preventiva e, ao mesmo tempo de ampliar e manter o estado de saúde dos educandos, por suas vivências corporais, dinamismo e atividades físicas planejadas, entendendo-o como sujeito integral, com autonomia para realizar as atividades corporais na vida cotidiana.

A EDUCAÇÃO SOMÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR DE INCLUSÃO DAS DIFERENÇAS

O sentido para escolher a Educação Somática como conjunto complexo de atividades corpóreas importantes e significativas para a inclusão das diferenças na escola, com ressignificações positivas sobre as representações simbólicas dos corpos e a saúde desses escolares, é tributário de reflexões acadêmicas ao longo de nossa jornada profissional como professor de educação física de escola pública no Piauí e Maranhão.

Nossas vivências, dentro e fora da escola de ensino médio e fundamental, possibilitaram a percepção de que a escola é uma rede de relações. Relações entre sujeitos ativos, caracterizados por suas irrepetibilidades, contudo, imersos em ambiência de reprodutibilidades. A reprodução dos movimentos, dos corpos, dos gestos, dos gostos e a inconsciência de seus constituintes marcam esta contemporaneidade da visão. Nestes dias, olhar, ver e ser visto, se notabilizam pela supremacia em relação aos outros sentidos humanos, sobretudo ao tato, à sensação do corpo que parece

mais estar constantemente anestesiado pelas visualidades. O entorpecimento visual capaz de automatizar nossos modos de agir e movimentar promove a dissociação de importantes experiências de corpo-eu e deste com o mundo e seu corpo social. Para além desses aspectos, percebemos que as visualidades estéticas, normalizadas e que constroem padrões corporais são demasiado excludentes.

Nosso direcionamento epistemológico, para entender a ES é fortemente filiado às práticas, estudos e publicações da Professora Débora Pereira Bolsanello (2016). Profícua estudiosa da ES por longo tempo, disseminadora dos movimentos e experimentações da disciplina e entusiasta da capilaridade necessária que estas técnicas merecem.

Para Bolsanello (2016, p. 20):

A Educação Somática é um campo teórico-prático composto de métodos cuja intervenção pedagógica investe no movimento do corpo, visando a manutenção de sua saúde e o desenvolvimento das faculdades cognitivas e afetivas da pessoa através de uma mudança de hábitos psicomotores contraprodutivos.

Esta perspectiva tem origem no termo soma que apresenta o corpo como vívido, total, sistêmico-ambiental, experimentado de dentro, em potente integração com sua existência fenomenológica e biológica. Esse termo originou a Somática, corrente de movimentos conceituada por Thomas Hanna (1986) como ciência relacionada com as artes, constituída por processos de interação sinérgica entre a consciência, a biologia e o ambiente. Por isso, na ES, o soma não se opõe à psique. Essa dualização não é possível naquilo que elegemos para investigar.

A ES desenvolve-se a partir de um estilo de pensamento que considera a indissociabilidade entre linguagem, pensamentos, emoções e as atividades biológicas, neurais, fisiológicas e do movimento. A consciência é uma característica da vida, da autorregulação do corpo e de um complexo holístico integrado. Sua emergência é evidente em nossos dias, nas clínicas fisioterápicas, hospitais, cursos de teatro, dança, como reeducação postural e educação do corpo. Bolsanello (2016, p. 28) diz que “[...] as aplicações do método de ES extrapolam o mundo das artes cênicas e se misturam hoje em clínicas de fisioterapia, consultórios terapêuticos, empresas, centros comunitários e projetos de inclusão social.” Todavia, como possibilidade de EFE ainda não se tem investigado, desta maneira, a análise sob esse contexto é necessária.

Mas, será isso possível de analisar, refletir, cotejar os campos, as disciplinas, os princípios? Vejamos o que diz Mendonça (2007, p. 97, grifos nossos) sobre a ES:

Este campo se situa na intersecção das artes e das ciências que se interessam pelo corpo vivente; pertence aos domínios da saúde (reabilitação, fisioterapia, psicologia, atividade física); do desempenho esportivo (treinamento e competição de ponta); das artes (criação e interpretação); da filosofia (fenomenologia, construtivismo); da **educação** e do **ensino** em geral (bases corporais concretas do **aprendizado**); além disso, está dentro dos domínios dos estudos mais avançados da biomecânica, da meditação, da biologia sistêmica, das ciências cognitivas e das ciências do movimento.

Para a autora, esses tangenciamentos disciplinares expressam a complexidade da ES como novo campo, diversidade de conhecimentos em que as sensações, a cognição, a psicomotricidade, a efetividade e a espiritualidade estão em cambiante relação. É a capacidade de realização de uma leitura fenomenológica do corpo em que o aumento da consciência corporal é o fio condutor.

Bolsanello (2016) reforça esse pensamento quando diz que, na ES as movimentações de percepção e consciência do movimento buscam uma expressão individual autêntica, em que se percebe o abandono do espelho como ferramenta de correção do movimento, como referência externa para um ajuste interno. Por que se assim for desenvolvida, é adestramento. O adestramento não nos importa, pois pensamos a ES assim como Bolsanello (2016) e Miller (2012) pensam; como complexo de percepções e processo de investigação em que todos são capazes a partir de suas diferenças.

Para Miller (2012) o uso da Técnica Klauss Viana³ é um caminho escolar e de investigação, pois seus movimentos não se fecham em si, é um processo de aquisição acumulativa de habilidades corporais. É um processo de investigação porque seus movimentos se constituem como caminhos para a construção de um corpo cênico, seus procedimentos não são cristalizados, nem estanques, mas sim estratégias propulsoras de um corpo transformador. Com a ES, pesquisamos, investigamos, refletimos com o corpo, pois o que se coloca como evidência é a subjetivação corporal.

A ES considera o corpo como múltiplo, natural e heterogêneo, e não procura sua restauração, ao contrário, olha sensivelmente para sua organização, sua educação. Assim, “Para ser educativo e somático, um método deve abordar o movimento do corpo incluindo o ponto de vista subjetivo do aluno. Não se ensinam e nem se aprendem movimentos. Trata-se de distinguir vários níveis de atenção”. (BOLSANELLO, 2016, p. 30)

Neste contexto é que a palavra aprendizagem tem força singular na ES. A organização do sistema nervoso por intermédio do movimento é o que gera aprendizagem, é o que produz a criação de uma imagem de si e do mundo pelo aprendente. Por isso, o que se faz é a criação de um contexto de aprendizagem em que o movimento é o que dá acesso à pessoa holística. A integração funcional entre seus gestos e ações é produzida pelo e com o movimento, ou seja, ao invés de se isolar/fragmentar as partes de nosso corpo, procura-se integrá-las.

É o que Bolsanello (2016, p. 20) reforça:

[...] a Educação Somática é um caminho de empoderamento na medida em que dá um contexto em que a pessoa entra em intimidade consigo própria e pode relacionar-se com os demais ancorado em suas forças e reconhecendo suas fragilidades. Gerda Alexander afirma que não se deve destruir as defesas de um aluno antes de permiti-lo mostrar suas capacidade a se sustentar sobre seus

3 As técnicas corporais e de dança de Klauss Vianna e Angel Vianna fazem parte do conjunto de movimentações usados por diversos educadores somáticos no Brasil.

próprios pés.

Pensamos em comunhão com Bolsanello (2016) e Miller (2012). A relação entre professor e aluno é desenvolvida a partir da apresentação de alternativas por parte do educador e o exercício da escolha por parte do aluno. Os objetivos do educador devem ser pautados na ampliação da auto-organização, auto-cura e auto-conhecimento, transferindo-se o empoderamento do corpo de uma autoridade externa à autoridade interna do aluno.

O educador deve ter o foco na ampliação do sentir, do perceber e do agir. Não deve se concentrar na apresentação de soluções, mas de questionamentos e alternativas. Duas perguntas são essenciais: Como movimentar-me de forma mais confortável? E eficaz? Isso possibilita tomadas de consciência do movimento habitual e a percepção que outras formas de se movimentar são possíveis, ou seja, há uma potencialidade de mudança.

Para Bolsanello (2016, p. 34):

O educador somático tem como matéria de trabalho, o movimento, a atenção e a percepção de seus alunos. Ele intervém no ambiente do aluno, indicando distintas organizações espaciais. O corpo do aluno interage com objetos, com o espaço, o peso, etc. Ele evita interpretar o corpo do aluno através de seus gestos. O educador não age no corpo com o objetivo de acesso a um conteúdo, nem estimular uma catarse.

Esse é o seu limite.

Para entender a ES é preciso entender o raciocínio somático. As movimentações da ES objetivam uma reeducação cenestésica, estimulando os sistemas proprioceptivo e homeostático em consonância com a coordenação motora, pois integram as habilidades de locomoção, manipulação e estabilização. Seu desenvolvimento termina por auxiliar na prevenção de lesões por esforço repetitivo, na percepção de atitudes posturais nocivas e de ações antálgicas à dor. (BOLSANELLO, 2016)

A ES é orientada por princípios comuns aos métodos, por conceitos e pelos pilares de uma aula, conforme Figura 2.

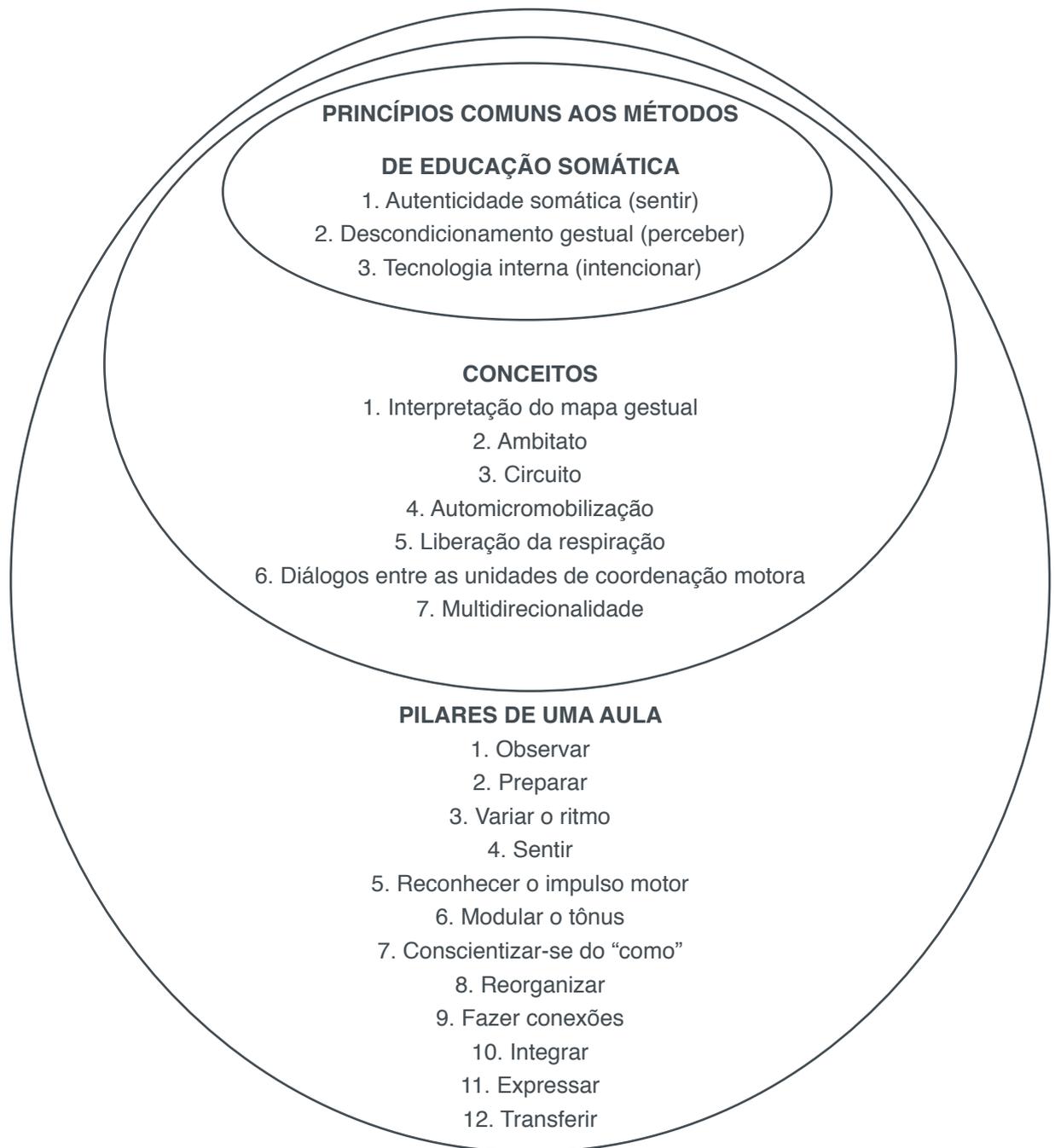


Figura 1. Síntese de princípios, conceitos e pilares da educação somática.

Fonte: BOLSANELLO (2016, p.104).

O desenvolvimento das movimentações é orientado por doze pilares, aqui apresentados (BOLSANELLO, 2016, p.102):

1. Observar: desenvolver a capacidade de investir sua atenção na observação crua, ou seja, um interesse por aquilo que é observado como fenômeno nu, sem a roupagem de julgamentos, análise, nem interpretação.

2. Preparar: orientar-se em adequada posição antes da execução dos exercícios.

3. Variar o ritmo: variar o tempo de "nascimento desenvolvimento-morte" dos movimentos realizados

4. Sentir: "descer ao Reino das Sensações."

5. **Reconhecer o impulso motor:** ter a percepção de quando o gesto inicia,ou seja, o início e o término do movimento, dentro e fora do corpo.
6. **Modular o tônus:** adequação da tonificação corporal ao tipo de esforço.
7. **Conscientizar-se do “como”:** no movimento, orientar sua atenção ao processo.
8. **Reorganizar:** "que caminhos encontro para fazer movimentos não habituais?"
9. **Fazer conexões:** questionar as relações entre a forma como me movo e as dores, queixas e emoções que sinto,meus pensamentos, relações sociais e valores?
10. **Integrar:** aprender a diferenciar o antes e o depois da aula.
11. **Expressar:** apropriar-se das experiências e comunicá-las aos demais.
12. **Transferir:** Entender como acontece a transferência de aprendizagem, testemunhando as mudanças qualitativas dos gestos cotidianos aprendidos na aula.

A ES é o tensionamento da norma (privilégio do conceito motor em detrimento do sensor). É a experiência do corpo sensível, do equilíbrio entre a atividade sensória e a motora, de “olho” na sensação do movimento. A educação física escolar precisa vivenciar isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que as discussões sobre a inclusão das diversidades de corpo, comportamento e aptidão física são fortuitas para a área da educação física, sobretudo, sob o ponto de vista epistemológico, pois contribuem para a produção social, simbólica, material, intelectual e de memória das relações entre as pessoas. Neste direcionamento, as mediações pedagógicas que ocorrem nas aulas de educação física escolar têm importante papel nestes debates, pois construímos e somos construídos por nossos corpos e por uma grande diversidade de formas corporais inter-relacionais. Assim, relacionamo-nos política, social e culturalmente por meio das práticas corporais.

A educação somática tem fortes ligações com atividades relacionadas às artes cênicas, às danças, às terapias corporais e reeducação do corpo. Possui um método específico e formas próprias de desenvolvimento do movimento humano, que remontam no início do século XX, com origem na América do Norte e Europa. Com esta pesquisa concluímos que a educação somática é constituída por atividades que investigam, junto com o sujeito, a maneira com a qual ele se move. Desta forma, as técnicas de educação somática, inseridas e desenvolvidas enquanto currículo das aulas de educação física escolar tem importante repercussão na inclusão das diferenças de cada estudante nessas aulas durante a educação básica.

A educação física na escola sempre teve grandes dificuldades em alcançar todos os alunos e cada um deles, ao mesmo tempo. Pensamos que um caminho é não defender padrões e normalidades em detrimento das particularidades. E isso, a

Assim, concluímos que o respeito às particularidades, a valorização do risco da tentativa, o incentivo à expressão dos saberes e a constante, insistente e inarredável defesa da inclusão de todos nas aulas de educação física escolar pode receber da educação somática contribuição curricular eficaz.

Por fim, defendemos a interdisciplinaridade curricular que tentamos em arguição nestas reflexões. Uma interdisciplinaridade que relaciona a educação somática às aulas de educação física escolar, partindo de uma necessidade premente: temos que pensar que papel o educador somático/professor/educador físico pode desempenhar nesse caminho que aponta a educação somática como possibilidade de inclusão das diferenças de forma, comportamento e aptidão física na educação básica.

REFERÊNCIAS

BOLSANELLO, Débora Pereira. A educação somática e os conceitos de descondicionamento gestual, autenticidade somática e tecnologia interna. **Motrivivência**. Ano XXIII, n. 36, p. 306-322, jun. 2011.

_____. **Educação somática: ecologia do movimento humano – pensamentos e práticas**. Curitiba: Juruá, 2016.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei nº 9.394/96** – 24 de dez. 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Resolução CNE/CEB, n. 4, de 13 de julho de 2010**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Brasília, 2010.

CAPES. **Sobre as áreas de avaliação**. Publicado: terça, 01 abril 2014 18:30 | última atualização: quarta, 15 outubro 2014 11:17. 2014. Disponível em: < <http://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao>>. Acesso em: 08 jun. 2016.

FERREIRA, Heraldo Simões. **Educação física escolar e saúde em escolas públicas municipais de Fortaleza**: proposta de ensino para saúde. 2011. 191 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva). ASSOCIAÇÃO AMPLA (UECE/UFC/UNIFOR). Fortaleza, 2011.

FLECK, Ludwik. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**. Tradução de Georg Otte e Mariana Camilo de Oliveira. Belo Horizonte: Fabrefactum, [1935] 2010.

HANNA, Thomas. What is somatics? **Somatics**, v. 5, n. 4, p. 4-8, 1986.

_____. **Corpos em revolta: a evolução-revolução do homem do século XX em direção à cultura somática do século XXI**. Rio de Janeiro: Mundo Musical, 1972.

MENDONÇA, Maria Emília. **A psicomotricidade e a educação somática à luz da psicanálise winnicottiana**. 2007. 268 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP, São Paulo. 2007.

MILLER, Jussara. **Qual é o corpo que dança?: Dança e educação somática para adultos e crianças**. São Paulo: Summus, 2012.

OLIVEIRA, Antonio Ricardo Catunda da; SARTORI, Sérgio Kudsi; LAURINDO, Elisabete. (Org.) **Recomendações para a educação física escolar**. Rio de Janeiro: Confef, 2014.

SOUSA, José Carlos. A história da educação física como disciplina escolar no Piauí: de 1939 a 1975. XIX CONBRACE. VI CONICE. Territorialidade e Diversidade Regional no Brasil e América Latina: suas conexões com a educação física e ciências do esporte, 2015, Vitória/ES, **Anais...** Vitória/ES. Disponível em: < <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/downloadSuppFile/7414/4665>.> Acesso em: 03 jun. 2016.

VILARTA, Roberto; BOCCALETTO, Estela Marina Alves (Org.). **Atividade física e QV na escola: conceitos e aplicações dirigidos à graduação em educação física**. Campinas-SP: IPES, 2008.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Danielle H. A. Machado - Graduada na Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa e Inglesa. Pós-Graduada em Língua Portuguesa e Teoria Literária pela Secal (Sociedade Educativa e Cultural Amélia). Especialista em Docência do Ensino Superior pelo Esap (Instituto de Estudos Avançados e Pós-Graduação). Pós-Graduada em Gestão de Recursos Humanos pela Faculdade São Braz. Pós-Graduada em Qualidade Pública e Responsabilidade Fiscal pela Faculdade São Braz. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística, Dialetologia, Teoria Literária, Língua Portuguesa e Inglesa. Na área da Indústria possui experiência de Interpretação de Textos Técnicos em Português e Inglês, Gestão de Recursos Humanos, Gestão de Produção e Gestão Industrial no SENAI/ PG (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial)

Janaina Cazini - Bacharel em Administração (UEPG), Especialista em Planejamento Estratégico (IBPEX), Especialista em Educação Profissional e Tecnológica (CETIQT), Practitioner em Programação Neurolinguista (PENSARE) e Mestre em Engenharia da Produção (UTFPR) com estudo na Área de Qualidade de Vida no trabalho. Coordenadora do IEL – Instituto Evaldo Lodi dos Campos Gerais com Mais de 1000h em treinamentos in company nas Áreas de Liderança, Qualidade, Comunicação Assertiva e Diversidade, 5 anos de coordenação do PSAI – Programa Senai de Ações Inclusivas dos Campos Gerais, Consultora em Educação Executiva Sistema Fiep, Conselheira da Gestão do Clima, Co-fundadora do ProPcD – Programa de Inclusão da Pessoa com Deficiência no Mercado de trabalho. Co-autora do Livro Boas Práticas de Inclusão – PSAI. Organizadora da Revista Educação e Inclusão da Editora Atena.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-030-8



9 788572 470308